

JB 26.2-85

# HUMOR ANTES DOS PRÊMIOS

**B**ERLIM — Às vezes antes do filme uma nota de humor. O produtor de *Les Enfants* (As Crianças), de Marguerite Duras, concordou em ceder a cópia para o festival com uma condição: deveria ser eliminada da projeção a primeira imagem, um cartão que credita a realização a Marguerite e a seus dois filhos, Jean-Marc Turine e Jean Mascolo. No cinema, com a tela já descoberta e à espera da projeção, o apresentador do programa leu a exigência do produtor e projetou em seguida, como complemento à leitura, o plano que não poderia ser apresentado com o filme. Um cartão simples, uns 10 ou 15 segundos, não mais que isso. Depois as luzes se acenderam de novo. Fecharam-se as cortinas sobre a tela, e então começou tudo de novo. Anunciando-se o filme que seguiu em frente depois do plano proibido.

Outras vezes a nota de humor veio depois do filme. O argentino *Los Chicos de la Guerra*, que participou da mostra competitiva do Festival do Rio, chegou aqui para ser apresentado no programa do fórum numa cópia tão ruim que sua projeção quase foi cancelada. Pouco antes da sessão o projetorista foi ao palco do cinema com pedaços de filme na mão para pedir paciência ao público, porque a cópia estava muito arranhada e arrebatada. Ele fizera o possível, mas com certeza seria obrigado a interromper a projeção para colar os pedaços que fossem se partindo. Voltou à cabine, começou a projetar o filme e chegou ao final da sessão sem uma única interrupção. O público que lotava a sala do fórum do cinema jovem aplaudiu entusiasmado chamando pelo projetorista, que não voltou ao palco mas apareceu lá em cima por trás da janela da cabine de projeção.

Outras ainda bem no meio da projeção, como o pequeno entreato feito em *Wetherby* quase que especialmente para o ator Ian Holm. A atmosfera deste filme inglês dirigido por David Hare (diretor de teatro e de TV que faz sua estréia no cinema) é pesada e densa. *Wetherby* é uma cidadezinha qualquer da Inglaterra onde os protagonistas, dois casais e mais uma professora solteirona (o noivo morrerá num exercício militar pouco depois da segunda Guerra Mundial), se arrastam desesperançados e sem perspectivas até o dia em que um jovem desconhecido chega à cidade e sem que ninguém saiba por que entra na casa da professora e se suicida. A questão está já pela metade, a imagem já mais do que pesada, quando entra na tela o rosto de Ian

*Marguerite Duras (em primeiro plano) e o cinema: nome cortado nos créditos durante a exibição de Les Enfants no Festival de Berlim*



Holm, no meio de um jantar em casa da professora, e afirma categoricamente que para ele se trata de uma vingança. O que ele diz, só iremos compreender mais adiante, não tem nada a ver com o suicídio, mas sim com a política da Primeira-Ministra Margaret Thatcher, que ele insiste sempre, cada vez mais veemente, que dirige o país para se vingar de alguma coisa. Ele não sabe muito bem do que ela quer se vingar, mas está certo de que, quem age assim como ela, age movido pelo desejo de vingança. Passado o momento de descontração, que provocou muitos risos na platéia, o filme volta ao clima de tensão de sempre.

E houve também duas vezes em que nem bom humor salvou. Quando se confirmou a ausência de *O Baiano Fantasma*, de Denoy Oliveira, um dos primeiros filmes programados para a mostra do cinema brasileiro organizado pelo fórum do cinema jovem e quando se cancelou a apresentação de *Exu Pia*, o *Coração de Macunaíma*, de Paulo Veríssimo, porque a cópia não havia chegado. Foi apresentada segunda-feira, em sessão extra, mas com público ainda, porque o interesse pelo cinema brasileiro na Europa começa a crescer de novo. Críticas mais que elogiosas a *Memórias do Cárcere* e a *Cabra Marcado para Morrer*, críticas bem entusiasmadas aos dois filmes de Prates Correa, *Cabaret Mineiro* e *Noites do Sertão*, ao de João Batista de Andrade, *A Próxima Vítima*, e uma entusiasmada participação

popular (o que obrigou o fórum a uma projeção extra) para *Bar Esperança*, de Hugo Carvana. E o que se passa aqui em Berlim de um certo modo é a continuação da reação do público do Festival de Rotterdam, na Holanda, onde além dos filmes de Nelson Pereira dos Santos e de Eduardo Coutinho foram exibidos ao lado de três outros de Carlos Reichenbach. E é ainda uma antecipação do que vai se passar daqui a pouco no Festival do Cinema Documentário de Paris, no centro Pompidou, onde *Cabra Marcado para Morrer* se encontra em competição ao lado de cinco outros filmes brasileiros (entre eles: *Os Homens do Presidente*, de Paulo Rufino, e *A Terra Queima*, de Geraldo Sarno) e de uma homenagem a Nelson Pereira dos Santos, uma reunião de seus documentários.

Na cidade o clima durante o festival foi bastante duro. Dez ou 15 graus abaixo de zero durante o dia, 15 ou 20 à noite foram as temperaturas médias. Nos cinemas tudo foi bem mais ameno. Muitos filmes, porque "acabou-se o tempo em que um festival poderia exibir apenas 20 ou 30 títulos" disse o diretor da mostra, Moritz de Hadeln na sessão de abertura. "É pena que não possamos apresentar mais filmes no nosso cinema principal. O Zoo Palast. Mostrar mais filmes, para o diretor do Festival de Berlim, é uma necessidade imposta pelo quadro atual da produção.

— A produção de filmes hoje em todo o mundo é maior do que nunca.

A falta de dinheiro não tem impedido o aparecimento de filmes em todos os lugares do mundo. A produção é grande, a circulação é que é pequena. Os filmes não saem da fronteira de seus países. Ou são diretamente feitos para a televisão. Um festival hoje deve ir procurar seus filmes e deve partir para esta procura sem qualquer espírito dogmático que o leve a defender um particular estilo de cinema, porque estamos num momento de incertezas, ninguém pode dizer ao certo que filmes devem ser feitos para tal ou qual mercado, que técnicas de promoção devem ser adotadas para tal ou qual filme. O que importa é abrir-se a diferentes sensibilidades cinematográficas, e buscar a presença de um autor de cinema onde ele esteja, na Inglaterra ou na Suíça, que começam a renascer das cinzas. Na Itália, onde o cinema perdeu muito de sua força nos últimos anos, centros tradicionais de produção cinematográfica, mas também na Coreia do Sul, Grécia, Noruega, China, Índia, para mostrar o cinema tal como ele está sendo feito hoje no mundo, é preciso exibir-se num festival muitos filmes".

Antes dos prêmios, um prêmio para o diretor do Festival, Moritz de Hadeln, durante o certame. Foi condecorado pelo Governo Francês com o mais elevado grau, o de Comandante, de "l'Ordre Des Arts et des Lettres".